

4CCHLADLCVPLIC02

O PROCESSO DE SEMIOTIZAÇÃO NO ATELIER DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL
Ricardo José Fabião de Araújo⁽¹⁾, Edja Camila Gomes de Araújo⁽²⁾ Ivone Tavares de Lucena⁽³⁾
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/PROLICEN

RESUMO:

Muitas pessoas trazem consigo a concepção de que escrever é tarefa sempre muito complicada. Não deveria ser. Acreditamos que toda e qualquer produção textual deve estar acoplada à idéia de que é preciso associar o ato de ler ao ato de escrever, e esta associação deve estar diretamente ligada à percepção e à emoção, porque são elementos que descontraem, que fazem fluir caminhos na busca do sentido a ser construído pelo processo de semiotização — condição *sine qua non* para a produção textual. Para o aluno, o ideal na hora de produzir um texto, seria deixar vir à tona aquilo que o mesmo obteve a partir de suas leituras e experiências anteriores, isto certamente tornaria o exercício mais prazeroso e eficiente. Infelizmente, o ensino tradicional está geralmente interessado no resultado técnico das produções textuais, e não raro acabam por represar consideravelmente a criatividade dos alunos. Sabendo, pois, das sutilezas existentes acerca do ato de produzir textos, sobretudo da ineficiência de alguns procedimentos adotados comumente, o Atelier de Leitura e Produção Textual (ALPT) propõe uma metodologia diferenciada, inovadora, em que fundamentalmente o aluno tece o sentido dos seus textos a partir de sua leitura de mundo, ou seja, da forma como ele entende e sente, e isto, tendo sempre como elemento auxiliar um texto-motivador (uma música, uma pintura, uma fotografia, um poema, entre outros), o que constitui um excelente “material lingüístico”, e pode ser (re)trabalhado e (re)significado nas oficinas. Dessa forma o aluno se vê diante de várias modalidades textuais, o que não apenas enriquece sua leitura de mundo, mas multiplica o universo de sentidos que ele já traz consigo. A partir da experiência obtida em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental II, o presente artigo trata da trajetória percorrida pelo Atelier em 2007/2008, desde o primeiro contato entre os envolvidos até os resultados obtidos através dos exercícios e oficinas realizadas.

Palavras-chave: semiotização, texto-motivador, discursivização.

⁽¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador.

O PROCESSO DE SEMIOTIZAÇÃO NO ATELIER DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Todo indivíduo a partir dos primeiros dias de vida adquire sensações e impressões acerca do mundo que lhe rodeia, é exatamente neste período que se inicia o processo de leituras, o qual ajuda a inseri-lo dentro de um contexto social, de uma realidade, de um determinado lugar no universo. Uma vez instaladas as estruturas básicas para a captação de tudo que está ao seu redor, o ser humano se torna apto a criar e recriar sentidos, podendo ler e reler infinitas vezes e atribuir, a partir de um novo olhar, um novo significado ao que está sendo lido.

Neste sentido, entendemos que a leitura é competência nata do ser humano. Não apenas lê aquele que foi alfabetizado, mas todo aquele que extrai sentidos do que está a sua volta. Eis um ponto fundamental, certamente o primeiro, a ser trabalhado com os alunos: tentar incutir neles a idéia de que eles estão lendo o tempo inteiro, que não é preciso abrir um livro para que esta prática se realize. Tomemos como ilustração as palavras de Paulo Freire: “Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.”

No plano lingüístico, quando alguém lê, produz relações entre o significante e o significado, ou seja, está operando com a função semiótica, que relaciona os dois planos existentes no signo, o plano do conteúdo (PC) e o plano da expressão (PE). Esse processo possibilita a criação de novos signos. Segundo LUCENA (2004), por meio do processo de semiotização, gerador de novos signos, novas articulações são estabelecidas, surgindo novos textos. Novos percursos temáticos e figurativos retomam definições construídas no texto-motivador, construindo novos textos.

O ATELIER DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL (ALPT)

O ALPT nasceu de um projeto de extensão e está ligado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus I, cujos participantes são alunos universitários dos cursos de Letras e Comunicação/Jornalismo.

Trata-se de uma oficina de textos onde o aluno é motivado a escrever, e seu objetivo é procurar estimular e orientar a construção do texto. Há alguns anos, O ALPT vem desenvolvendo este trabalho em algumas instituições de ensino da rede pública da cidade de João Pessoa. Neste ano, o ALPT realizou suas oficinas na Escola Municipal Seráfico da Nóbrega, no Bairro de Manaíra, nesta capital. O projeto contou com a participação de Ricardo José Fabião de Araújo, como aluno-bolsista e Edja Camila Gomes de Araújo, como voluntária.

As atividades relatadas aqui tiveram início em setembro de 2007, e foram concluídas em março deste ano. Fizeram parte da oficina estudantes da 7ª série (oitavo ano), da 8ª série (nono ano) e da 5ª série (sexto ano), que resolveram participar das oficinas por vontade própria. Esta é uma orientação fundamental do ALPT: não se deve exigir que os alunos façam parte das oficinas. Pois se assim fosse, correria o risco de cair nos mesmos erros do ensino tradicional.

METODOLOGIA

Os textos estão em toda parte, sob variadas formas, dizendo coisas, acrescentando noções e impressões sobre o mundo, e são muitas as formas de lê-los e entendê-los. Retomando Paulo Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. É um passo que se dá adiante intimamente ligado a todos os que já foram dados anteriormente. Uma leitura implica outra, um sentido observado implica outro. Tudo é passível de uma nova significação.

Torna-se, contudo, tarefa árdua e complicada alguém produzir textos a partir de realidades e situações não-palpáveis ou distantes do seu universo ideológico e emocional. Isso ocorre constantemente nas salas de aula. Os temas geralmente são escolhidos de maneira impositiva, por fazerem parte de um ideário estabelecido pelas grades curriculares. Por isso, quase sempre os alunos se deparam com temas desconhecidos, e como se não bastasse essa dificuldade, essa prática é permeada por uma série de regras a serem seguidas e obedecidas. É nesse sentido que o texto-motivador auxilia a produção textual nas oficinas do ALPT. Servindo como uma espécie de “atalho” no caminho que há entre o tema observado e sua nova significação, ou seja, a forma como ele aparecerá na produção textual do participante.

A probabilidade de se obter um bom resultado textual aumenta consideravelmente se o tema antes for discutido a partir de um texto-motivador e/ou um objeto-motivador, uma vez que estes são valiosos instrumentos para a construção do sentido. Isso pode ser verificado a partir dos resultados obtidos nas oficinas, que serão mostrados mais adiante.

Embora não compreendam sua questão conceitual, os participantes do ALPT fazem um bom uso do texto-motivador, absorvendo-o, relendo-o, (re)significando-o de uma maneira bastante eficiente. Trata-se de um elemento que auxilia na busca pela construção do sentido. Como afirma LUCENA (2004), os sentidos já existem, o que se faz necessário é pôr o aluno em contato com eles, fazê-lo decodificá-los e recodificá-los em novos textos. A utilização então de um texto-motivador nas oficinas serve para acionar o saber armazenado do aluno, permitindo que a significação seja construída e o resultado seja dotado de valor semântico.

Segundo SMITH (2003), a compreensão pode ser considerada como fator que relaciona os aspectos relevantes do mundo à nossa volta – linguagem escrita, no caso da leitura – às intenções, conhecimento e expectativa que já possuímos em nossas mentes. E o aprendizado pode ser considerado como a modificação do que já sabemos, como uma consequência de nossas interações com o mundo que nos rodeia. Aprendemos a ler, e aprendemos através da leitura, acrescentando coisas àquilo que já sabemos.

Vejamos um trecho da produção textual de uma aluna a partir do tema *A vida em nossas mãos*:

“... mãos dadas, um caminho a dois, infinito mergulho em duas almas. Mãos, que expressam o que somos, o que não somos, mãos fortes, mãos fracas, mãos que trabalham, que dizem adeus, que nos chamam, mãos de poeta, mãos de cirurgião, mãos de pedreiro, mãos de pintor, de maestro, mãos, maiores que a própria vida...” (R. 8ª série).

TEMAS E AS OFICINAS

Todos os temas levados para as oficinas do ALPT são previamente elaborados nos encontros com a coordenadora do projeto Ivone Tavares de Lucena, onde são escolhidos também os textos que serão lidos ou ainda as músicas que farão parte de uma determinada oficina, já que estes elementos têm grande importância, por reforçarem o sentido de cada tema a ser trabalhado. As oficinas ocorrem sempre numa sala, com espaço para no mínimo vinte pessoas e precisa estar reservada especialmente para este fim. A sala necessita fundamentalmente de moderada ventilação, de uma boa iluminação, sobretudo, de privacidade. Os procedimentos comuns envolvem um cumprimento coletivo, um breve relaxamento, uma breve conversa para descontrair, enquanto isso há um fundo musical, de preferência instrumental, em seguida, partindo já para o tema específico, podem ser utilizadas músicas ou textos que servem de “ponte” para que se chegue apropriadamente ao objetivo proposto pela oficina, depois os alunos fazem um desenho, comentam rapidamente sobre ele, e quase que automaticamente partem para a produção textual. O resultado é surpreendente.

A PRODUÇÃO TEXTUAL

À primeira vista percebe-se o nervosismo dos participantes. Lidar com produção textual implica sensações dessa natureza, sobretudo, quando as pessoas trazem consigo a concepção de que escrever é sempre muito complicado e difícil. Afinal, todas as vezes que os alunos produzem um texto, este precisa passar pelos olhos inquisidores dos professores, que “catam” erros muito mais do que buscam os sentidos ali expressos. Por este motivo, o verdadeiro objetivo para se ingressar em oficinas como esta, é quase sempre tentar diminuir o pavor que se tem de produzir um texto. Dificilmente o é pela intimidade que o aluno possui com a escrita. Felizmente, nós conseguimos “desarmar” rapidamente os alunos quando expomos as propostas do ALPT. Segundo Barbosa (1989), quando escrevemos livremente estamos, então, esculpindo a nossa vivência, a nossa experiência humana na trajetória de luzes e sombras que nos vai desenvolvendo, nos vai comprometendo com tudo aquilo em que acreditamos. Por isso temos que clarear os caminhos dos alunos a fim de que eles se encontrem, se vejam, se soltem. “Não deixem que a preocupação com a ortografia interfira na criatividade”, quando assim sugerimos, parece que acabamos de libertá-los de pesadas correntes, sentimos que algo “estala” dentro de suas mentes. É como se voltassem a ler/escrever como faziam antes, livres da difícil tarefa de ter que atingir um padrão, de ter que seguir uma forma cristalizada.

De fato, percebemos que os participantes conseguem produzir bons textos quando lhes permitimos espaço propício:

“Uma estrada escura me levou para longe das coisas boas da vida...” (S. 7ª série)

A seguir, daremos exemplos de temas utilizados nas oficinas, assim como a produção textual de alguns alunos.

A pureza das águas

Este tema foi usado na primeira oficina. Após o relaxamento, os alunos ouviram a música “Planeta água” de Guilherme Arantes, e antes da produção textual, leu-se o poema-canção “Água corrente” de Sá e Guarabira. A produção dos desenhos foi bastante diversificada. A água foi mostrada de várias maneiras: em rios, em mares, dentro de um copo d’água, caindo numa cachoeira. A aluna A. da 8ª série, a partir do que absorveu do texto-motivador, desenhou uma cachoeira entre as árvores. Segue um trecho da sua produção textual:

“... não sei de onde vem tanta água, talvez das mãos do criador, talvez de uma dor infinita... A água acompanha a gente em todos os momentos, está no nascimento, está no alimento, está na morte...” (A. 8ª série).

O mundo das fotografias

Oficina realizada em novembro de 2007. Foram usadas três fotografias nesta oficina: uma das fotografias trazia a imagem de uma estrada, muito simples, estreita, de barro, algumas árvores de um lado, outras árvores do outro, só que curiosamente essa estrada dava num precipício; a outra fotografia trazia a imagem de uma rodovia, alguns caminhões enfileirados, havia fábricas ao longo dela, placas de sinalização, e um viaduto mais adiante; a terceira fotografia trazia a imagem de um deserto, onde caminhavam um homem e um camelo, logo adiante, sem que eles suspeitassem estava um oásis. Ouviu-se a música “Tocando em frente” de Almir Sater e Renato Teixeira, e o poema “Canção da tarde no campo” de Cecília Meireles. A partir desses elementos, os alunos fizeram seus desenhos e produziram seus textos:

*“... Seguir, mesmo sem certeza, devemos seguir...
Buscar, só podemos ser felizes se buscarmos...
Existe uma estrada, e não podemos fugir dela...” (E. 8ª série).*

“...Às vezes estou correndo, correndo contra todos e tudo. Sinto que meu caminho não é fácil. Mas tenho fé que alcançarei meu sonho, e fica no fim desta estrada. Há pessoas de costas, outras me esperam, sei que vai demorar, mas não vou desistir de caminhar...” (G. 7ª série).

Janelas

Este tema foi usado em uma oficina realizada em outubro de 2007. Após o relaxamento, os alunos ouviram a música “Amanhã” de Guilherme Arantes, e antes da produção textual, ouviram o poema “Noturno” de Augusto Frederico Schmidt. Como desenho, pediu-se que fizessem uma janela, cujo olhar poderia ser de dentro para fora ou de fora para dentro, ficando a critério de cada um. A aluna C. do 8º ano, a partir do que absorveu do texto-motivador, desenhou uma janela aberta para um jardim repleto de flores e pássaros. Vejamos o que dizia um trecho de sua produção textual:

“... todos os dias abro a janela do meu quarto para procurar algo novo entre as plantas do jardim, sempre encontro um motivo para não parar de sorrir, talvez um amor que ainda não se revelou para mim...” (C. 8ª série)

O futuro

Este tema foi abordado no início de dezembro. Por meio de algumas manchetes de jornais, as quais revelam como está o mundo atualmente, travou-se uma discussão acerca das atitudes humanas em nossa sociedade. A discussão tomou vários caminhos. Em seguida, ouviu-se a música “Sementes do amanhã” de Luiz Gonzaga Jr. Cada participante desenhou a imagem de “um possível futuro”. O resultado foi bastante diversificado. Depois, leu-se o poema “Rosa de Hiroshima” de Vinicius de Moraes. A produção textual revelou que os alunos estão bastante preocupados com os rumos tomados pela humanidade:

“... o homem precisa da água, mas não preserva os rios; o homem precisa de alimentação, mas não protege a natureza; o homem precisa de Deus, mas não respeita o próximo; o homem quer continuar vivo, mas não cuida do mundo que lhe cerca; o homem não sabe o que quer...” (E. 8ª série)

O atelier

Na última oficina do ano passado, quando então o projeto entrou em recesso, sentimos a necessidade de colocar o próprio ALPT como tema da oficina. Para nós foi uma surpresa, porque não imaginávamos que os alunos tivessem tão envolvidos pelo atelier. Tivemos depoimentos gravados em vídeo e tiramos várias fotografias. Com isso, constatamos ainda mais a estreita relação que há entre viver/ler/escrever, é como se as oficinas do ALPT fossem um refúgio onde eles pudessem viver em plenitude. De fato, muitas vezes ouvimos desabafos de alunos acerca de sua vida pessoal. E quando pedíamos para que aquele momento ficasse apenas entre os participantes do atelier, parecia que aquilo já estava combinado, como se já existisse um código de respeito pré-estabelecido entre eles. Eis aqui algumas colocações sobre o atelier:

“... Pensei que não fosse gostar, mas eu me enganei, pois aqui no atelier a gente aprende não só a escrita, mas aprende também a viver melhor...” (H. 7ª série).

“... Foi uma grande descoberta...” (J. L. 8ª série).

“... Depois do ALPT passei a não ter medo de escrever. É como se antes tivesse tudo escuro em minha mente. Agora está tudo muito claro ...” (R. 8ª série)

“... Não tive tempo de participar como eu queria, mas o pouco que vi, adorei...” (M. L. 7ª série).

Segundo LUCENA (2004), à medida que cada “escritor” decodifica mais e mais as mensagens e seus significados, mais simbiose é possível, e mais funcional torna-se sua competência textual. O ALPT permite que essa competência ganhe tal amplitude, que logo isso se estende a todos os aspectos da vida dos envolvidos no projeto. Ler/escrever não requer apenas técnica, mas exige pulsação, vida. O que se colocou aqui é infinitamente inferior às verdadeiras conseqüências das oficinas. Não foi citado aqui o quanto cresceu alguém que finalmente aprendeu a equacionar seus pensamentos e organizá-los dentro de um texto. O que o ALPT plantou em 2007 não termina aqui, apenas começou.

Há muito que se descobrir e aperfeiçoar acerca da difícil tarefa de levar leitura e entendimento às pessoas, afinal isto significa abrir caminhos, acender luzes para que os interessados “enxerguem” o que já enxergam. Afirma ORLANDI (1988), que saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significadamente. Para que alcancemos o sucesso desejado, é necessário, nessa investida, saber chegar ao ponto certo, através de mecanismos apropriados, e assim travar com os alunos, uma relação de confiança e cumplicidade, pois sabemos que quando alguém escreve, deixa um pouco de si mesmo sobre o papel. Trata-se de um processo que envolve identidade e paixão. É preciso mostrar que todos são, sim, capazes de produzir textos, uma vez que todo mecanismo necessário para isto já está montado em nosso mundo, em nossa memória.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, S. A. Redação: escrever é desvendar o mundo. 5. Ed. Campinas: Papyrus, 1989.

FREIRE, P. A importância de ler. São Paulo – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

LUCENA, I. T. Fiando as tramas do texto. João Pessoa: Ed. Universitária, 2004.

ORLANDI, E. P. Discurso e leitura. São Paulo: Cortez Editora, Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1988.

SMITH, F. Compreendendo a leitura. São Paulo: Artmed, 2003.